

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E O DESAFIO NA COMUNICAÇÃO ENTRE DOCENTES E ALUNOS ESTRANGEIROS

Lúcia Diniz¹ ; Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus²

Eixo temático: Internacionalização da Educação Superior

Resumo: A Internacionalização da Educação Superior, por meio da Mobilidade Acadêmica, configura-se como um grande desafio para os docentes. O presente trabalho aponta reflexões sobre o processo de Internacionalização do Ensino Superior, focado na comunicação entre docentes e discentes estrangeiros, por meio de um levantamento da realidade em uma instituição privada situada na cidade de Porto Alegre - RS. O objetivo do estudo foi ouvir alunos estrangeiros a fim de conhecer as dificuldades que enfrentam em sala de aula e contextualizar as discrepâncias existentes entre a teoria e a prática docente e, a partir disto, propor soluções teóricas que facilitem e resolvam as situações apuradas. Para tanto, realizou-se um levantamento no setor de Mobilidade Acadêmica da instituição e optou-se por um estudo qualitativo, realizado por meio de uma pesquisa com alunos estrangeiros que estudaram no segundo semestre de 2017. Foi enviado um questionário por e-mail para 12 alunos, dos quais 10 deram *feedbacks*. Ouviu-se também a área da Mobilidade Acadêmica da instituição objetivando complementar os pontos destacados pelos alunos estrangeiros. É importante contextualizar que a instituição alvo da pesquisa está em processo para se tornar um Centro Educacional, um HUB (um centralizador, uma referência), com objetivo de ter mais pesquisadores da educação e mais convênios com as instituições de educação superior, inclusive de vários outros países para produzir conhecimento e inovação. Os resultados destacam a relevância de pesquisas como essa no processo de internacionalização da instituição. As respostas, em sua maioria, apontaram aspectos intrínsecos, com forte relação aos sentimentos adquiridos ao longo das experiências vivenciadas. A lista de ‘problemas encontrados’ leva a uma preocupação em saber mais detalhes na tentativa de ‘entender as entrelinhas’, buscando aspectos interessantes para serem repensados pela Instituição. Os resultados mostraram a necessidade de se buscarem soluções para potencializar os docentes. Apesar das limitações de sua amostra, a pesquisa possibilitou contribuições acerca da compreensão das dificuldades de comunicação entre docentes e discentes estrangeiros, bem como destacou a importância de uma capacitação específica com foco na conscientização das necessidades que precisam ser sanadas, para propiciar ao Educador da instituição analisada, mais qualificação para a demanda, cada vez maior, que a Internacionalização exige dos docentes da Educação Superior.

Palavras-chave: Internacionalização; Educação Superior; docente; comunicação; alunos estrangeiros.

¹ Mestranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Coaching formada pela Sociedade Brasileira de Coaching, Especialista em Comércio Exterior pela UNICAMP (Universidade de Campinas-SP), Especialista em Desenvolvimento Humano pela FGV (Fundação Getúlio Vargas-RJ) e Especialista em Docência no Ensino Superior na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: lucia.diniz@acad.pucrs.br

² Doutor e Professor na Pós Graduação em Educação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: stobaus@pucrs.br

Introdução

A internacionalização é um processo complexo, consubstanciado em diferentes níveis socioeconômicos interligados e em diferentes realidades. Por isso mesmo, precisamos levantar questões sobre a internacionalização da educação superior e os docentes (MOROSINI, 2014, p. 387).

Os processos educativos são importantes para a concepção, para a formação do contexto em que o docente está inserido. Tardif (2007, p. 37) descreve essas necessidades pedagógicas indicando que:

[...] apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa.

O Docente da Educação Superior, em pleno século XXI, precisa aprender muito ao longo do exercício da sua prática docente. Se a carreira de professor, por si só, já é complexa, cada vez mais se faz necessário estar preparado para as novas exigências que surgem diariamente.

A internacionalização universitária pode ser definida como “qualquer atividade (teórico-prática) sistemática que tem como objetivo tornar a Educação Superior mais respondente às exigências e desafios relacionados à globalização da sociedade, da economia e do mercado de trabalho. É a análise da Educação Superior na perspectiva internacional” (WIT, 2002, p. 16).

É importante contextualizar também que a instituição alvo da pesquisa está em processo para se tornar um Centro Educacional, um HUBS, definido como centralizador, como uma referência.

HUBS – Centro de conhecimento e inovação – Pesquisadores da educação, scholars (estudiosos) e as instituições de educação superior se deslocam para países estrangeiros para produzir conhecimento e inovação (KNIGHT, 2014, p. 15).

Diante dessa realidade, e também frente à globalização e às novas tecnologias, os docentes estão com novos ‘concorrentes’ em sala de aula, os quais exigem deles mais criatividade e disposição para se apropriar de novas ferramentas e aplicá-las. De acordo com Teixeira:

As necessidades do professor universitário de conhecer didática, psicologia de aprendizagem, planejamento de currículos, enfim, tudo que se relaciona com o processo ensino-aprendizagem são muito raramente discutidas nas universidades. Há

mesmo quem afirme que a única pré-condição para ser professor universitário é o domínio do conteúdo que irá ensinar (TEIXEIRA, 2008, p. 4).

Se, por um lado, é possível usar algumas destas novas tecnologias em benefício da Educação, por outro, elas disputam com os docentes a atenção dos discentes. E isso traz novas situações, antes nunca vividas e para as quais um bom número de professores não estão bem preparados.

As salas de aulas das Universidades encontram-se cada vez mais diversificadas, com grupos heterogêneos, com diversas características e singularidades, e em diferentes estágios de conhecimento. Essa realidade só vem confirmar que fazer cursos de atualização é extremamente necessário ao docentes.

Objetivos

O objetivo foi ouvir alunos estrangeiros a fim de conhecer as dificuldades que enfrentam em sala de aula e contextualizar as discrepâncias existentes entre teoria e prática docente. Propor soluções teóricas para facilitar e resolver as dificuldades apuradas no estudo.

Deseja-se também que esse artigo venha contribuir de forma positiva para a formação de docentes do Ensino Superior, que ele aponte uma opção para um desenvolvimento profissional com novas práticas, novas metodologias e uma maior integração entre alunos e professores.

Metodologia

A presente pesquisa será desenvolvida a partir de uma abordagem metodológica qualitativa. Triviños (1987) afirma que uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a de sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas.

Já segundo Flick (2009), para se realizar uma pesquisa qualitativa, é preciso focar em critérios centrais, que consistem em determinar se as descobertas são embasadas em material empírico, se os métodos estão adequadamente selecionados e aplicados ao objeto em estudo. Sendo assim, na pesquisa qualitativa, o pesquisador desempenha um papel de fundamental importância.

Esse projeto de pesquisa, em sua proposta de investigação, utilizará a coleta de dados que será realizada por meio de um questionário semiestruturado, elaborado após várias leituras sobre o tema, com a finalidade de conhecer as dificuldades que os alunos estrangeiros

enfrentam em sala de aula e assim contextualizar as discrepâncias existentes entre a teoria e a prática docente e dessa forma propor soluções teóricas para facilitar e resolver as dificuldades apuradas na pesquisa, encaminhando-as em outubro/2017.

A análise dos dados das entrevistas será realizada por meio da metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES; GALIAZZI, 2014), uma vez que os textos que compõem o *corpus* foram construídos a partir de entrevistas, e, desse modo, esta é a forma mais condizente com a natureza dos dados. Segundo a teoria de Moraes & Galiazzi (2014, p.25), “a análise textual discursiva opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados”.

A análise textual propõe-se a descrever e interpretar alguns dos sentidos que a leitura de um conjunto de textos pode suscitar. Sempre parte do pressuposto de que toda leitura já é uma interpretação e que não existe uma leitura única e objetiva. [...] “O ciclo da análise aqui focalizado é um exercício de produzir e expressar sentidos. Os textos são assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos. Pretende-se, assim, construir compreensões a partir de um conjunto de textos, analisando-o e expressando a partir dessa investigação alguns dos sentidos e significados que possibilita ler. Os resultados obtidos dependem tanto dos autores dos textos quanto do pesquisador. (MORAES; GALIAZZI, 2014, p.14).

Para os autores, “a análise textual discursiva pode ser entendida como o processo de desconstrução, seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados” (MORAES; GALIAZZI, 2014, p. 21).

Num primeiro momento, os textos são fragmentados; posteriormente, os elementos semelhantes seguem organizados em categorias, e, a partir dessas, surgem novos textos, reunindo os aspectos essenciais dos materiais de análise que foram investigados.

Esse processo compõe etapas de descrição e interpretação, em relação aos fenômenos investigados. Pesquisar e teorizar, objetivamente a construção significativa da compreensão, por meio de um processo recursivo de explicitação de inter-relações recíprocas entre categorias, viabiliza a superação da causalidade linear e possibilita aproximação de entendimentos mais complexos. (MORAES; GALIAZZI, 2014, p.31).

Em um segundo momento, a pesquisa será através da análise interpretativa, que consiste em situar o texto, abrangendo o contexto no qual é apresentado, em uma perspectiva cultural, histórica e filosófica que justifique o fundamento teórico apresentado no decorrer do texto. Consequentemente, produz-se um juízo crítico, considerando alguns critérios:

[...] Coerência interna da argumentação; validade dos argumentos; validade dos argumentos empregados; originalidade do tratamento dado ao problema; profundidade de análise ao tema; alcance de suas conclusões e consequências; apreciação e juízo pessoal das ideias defendidas. (SEVERINO, 2000, p.60).

Interpretar, em sentido restrito, é “tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outras, enfim, é dialogar com o autor”. (SEVERINO, 2000, p. 56).

O trabalho de interpretação, portanto, é uma operação intelectual, fundamentada em aportes teóricos, num espírito de investigação e análise, para propiciar uma interação entre os dados.

O estudo contou com a participação de dez alunos estrangeiros, todos discentes da PUC-RS, num período compreendido entre dois e seis meses. Vale ressaltar que a escolha dos alunos estrangeiros que participaram da pesquisa foi realizada pela área de Mobilidade Acadêmica da PUC-RS, que informou ser mais fácil conseguir uma interação maior com os discentes estrangeiros que chegaram há menos tempo.

O instrumento foi aplicado a alunos de todas as áreas do conhecimento, porém o número maior de participantes estavam concentrado na área de Negócios. Houve também uma participante na área da Medicina e um na área de Turismo. A pesquisa foi realizada on-line e os alunos responderam a sete perguntas.

Todos os alunos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Consentido (TCLE).

Resultados

Todas as perguntas da pesquisa foram respondidas a contento, mas três particularmente, se destacaram:

O primeiro ponto observado nas respostas foi o que motivou os alunos a escolherem a Instituição PUC-RS. Chama a atenção o destaque que a grande maioria deu à imagem que a Instituição Educacional tem junto aos outros países. Um deles afirma que: "Ela é a melhor universidade do Brasil" (A. E. 6). Já outro aluno diz: “A PUC-RS era a universidade que tinha convênio com a minha universidade” (A.E. 7).

Tal afirmação sugere a importância das parcerias que a Universidade tem priorizado, e que esta opção, apesar de não trazer garantias, num primeiro momento, tem, de fato, facilitado e aumentado a Mobilidade Acadêmica, junto à instituição (M.A.).

Não se pode deixar de notar que a razão da escolha, diante das respostas recebidas, aponta para algumas motivações extrínsecas: “Meus professores de lá me indicaram” (A.E.10). “Preciso ter dois idiomas para me formar no meu país” (A.E.4.). E também se

destacam motivações intrínsecas: “Tinha o curso que eu queria” (A.E.2). “Curiosidade e interesse na cultura do país” (A.E.5). “Superação acadêmica” (A.E.8).

Em uma análise mais detalhada dos questionários, a dificuldade de comunicação entre os docentes e os alunos estrangeiros se configura como uma barreira. Apenas um aluno comentou: “os professores me ajudam, eles conversam comigo depois da aula” (A.E.3). Contudo, a grande maioria relata muitas dificuldades que enfrentam: “Os professores daqui me tratam igual aos alunos daqui. Não sou igual.” (A.E.6). “Será que o professor não entende que é diferente vir de outro país?” (A.E.9). “Até hoje, três meses depois que comecei os estudos, ainda não sei como são as avaliações aqui. Cada professor faz de um jeito diferente e não explicam direito.” (A.E.2) Este foi o ponto que mais chamou a atenção, devido aos inúmeros relatos de atitudes e posturas dos professores.

Um terceiro ponto foram as sugestões que os alunos estrangeiros fizeram. São elas: “os professores deveriam escrever na lousa o que desejam que se faça na tarefa, assim seria mais fácil entender” (A.E.1); “prova deveria ser diferente para nós. Não mais fácil, somente de um jeito melhor para entender” (A.E.7); “fazer revisão das aulas faria entender melhor” (A.E.3); “poderiam usar nas salas de aula notícias do meu país também” (A.E.9.); “deveriam, já que eu estou na sala, indicar leituras e referências também do meu país” (A.E.8).

É importante destacar que as sugestões são muito pertinentes e deveriam ser utilizadas se, de fato, resultarem numa facilidade de interação entre discentes estrangeiros e docentes.

Eles, por outro lado, elogiaram a importância do projeto “amigo universitário”, afirmando o quanto os ajuda no dia a dia, e pediram para a PUC-RS criar novas atividades, uma vez que eles têm muito tempo livre e poderiam ser mais proativos. Também a pesquisa realizada com a área da Mobilidade Acadêmica da PUC-RS mostrou a importância da recepção, interação e apoio que eles têm com os alunos, e, principalmente, destacou-se o projeto “amigo universitário”:

O Programa tem por propósito atender às necessidades dos estudantes em intercâmbio desde sua chegada à PUC-RS, bem como durante sua permanência, com o intuito de sanar as dificuldades encontradas nos mais diferentes ambientes. Em essência, o programa destina-se a auxiliar os alunos em mobilidade no processo de adaptação sociocultural para além da integração acadêmica. O suporte aos alunos estrangeiros é realizado por discentes de graduação ou pós-graduação que se inscrevem no programa e são selecionados, conforme critério definido pela área gestora.

Quando foi perguntado aos "amigos universitários" se tinham contato com os docentes que trabalhavam com esses alunos, informaram que não, mas que também os alunos estrangeiros não relatavam estas dificuldades que encontravam em sala de aula, mesmo eles

sendo orientados para o fazer nessas situações. Foi dito também que, se os alunos locais fossem procurados pelos alunos estrangeiros em alguma situação para solucionar questões que não fossem de sua competência, aqueles encaminhariam estes à Coordenação, para que fosse feito o direcionamento pertinente para ajudá-los.

Discussão

Em um primeiro momento, percebe-se que muita dificuldade pode estar relacionada às limitações do aluno estrangeiro em relação ao idioma local e também ao vocabulário, mas muitas reclamações poderiam ser sanadas se houvesse por parte dos docentes um atendimento diferenciado, incluindo falar mais devagar, frente às dificuldades naturais que um aluno estrangeiro tem. Houve exemplos de atitudes com relação a atendimento, a ‘não ouvir o aluno’ e à metodologia. Por mais que se espere que ocorra um tratamento diferenciado por parte dos docentes aos alunos não nativos, constata-se que, na prática, isto não acontece. Em uma conversa sobre tais pontos com a área da Mobilidade Acadêmica, eles informaram que não tinham conhecimento dessas ocorrências e que os alunos estrangeiros não os procuravam para relatar situações como as descritas na pesquisa.

Baseando-se na retroalimentação obtida nas respostas com a aplicação do questionário, pode-se destacar alguns pontos:

- Apurar as discrepâncias entre teoria e prática docente;
- Perceber a necessidade de mudanças na relação docentes e discentes estrangeiros;
- Conscientizar os docentes de que se faz necessário um desenvolvimento profissional docente.

Diante dessas respostas, vale ressaltar que:

Os estudos sobre os professores têm sido abundantes a respeito da vida emocional e das relações interpessoais em sala de aula. Os docentes precisam se atentar para serem protagonistas de uma educação embasada na empatia (STOBÁUS; MOSQUERA, 2008, p. 76).

Frente às situações percorridas, é pertinente fazer uma capacitação com os docentes que lhes permita agir de maneira diferenciada com todos os seus alunos e mais atentamente com os estrangeiros. Para isso, o primeiro foco neste processo será sobre o que bem comentou Goleman (2012, p. 25), afirmando que o “Desenvolvimento Humano é o crescimento do potencial de uma pessoa para maximizar o seu próprio desempenho. É ter uma atitude, uma ação, para ser uma pessoa melhor como profissional”.

É um desenvolvimento que ocorre de dentro para fora, no qual o docente se atenta em conhecer primeiro a si mesmo e, depois, com o aprendizado de novas ferramentas e metodologias, ele se capacita, se torna um educador mais qualificado para as nossas salas de aula, que são repletas de diversidade, apesar da singularidade de cada aluno.

É uma capacitação de conhecimentos e habilidades que mudará as atitudes dos docentes, um fato essencial e diferencial neste processo.

Os docentes necessitam entender que:

As emoções precisam ser consideradas nos processos educacionais. O docente precisa estar atento não só às emoções dos alunos, mas também às próprias emoções. A linguagem emocional é corporal antes de ser verbal, e muitas vezes a postura, as atitudes e o comportamento do educador assumem uma importância da qual não nos damos conta. Por causa desses fatores, o que é transmitido pode ser bem diferente do que se pretendia ensinar (GUERRA, 2011, p. 84).

Para isso, o educador universitário precisa ter Inteligência Emocional.

Segundo Goleman (2012, p. 79), a “Inteligência Emocional é a capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos”.

Para que o docente se torne pesquisador em suas próprias aulas, Ribeiro (2012, p. 28) afirma: “a ideia é fomentar uma nova geração de pesquisadores preocupados em fazer pesquisa em sala de aula e um ensino baseado em evidências”.

Após a análise dos dados, propõe-se a realização de um curso de capacitação com o objetivo de:

- gerar uma maior motivação intrínseca, seja nele próprio ou no seu aluno;
- propiciar autoconhecimento;
- conquistar aprendizagens mais significativas;
- valorizar a emoção, sua ou do aluno, no ensino e aprendizagem;
- desenvolver a habilidade de “saber ouvir” e de ter empatia pelos alunos;
- fomentar uma comunicação mais eficaz; e
- entender a comunicação não verbal.

Essa capacitação poderá ser útil na reanálise da temática para promover mudanças com uma relação interpessoal qualificada entre os docentes e os alunos estrangeiros, sendo um importante diferencial para potencializar a PUC-RS rumo a uma maior Internacionalização.

Considerações Finais

Por meio desse estudo, foi possível descobrir que os discentes estrangeiros sentem algumas dificuldades, principalmente no âmbito das peculiaridades da língua, e isto impacta diretamente no seu processo de aprendizagem.

Acredita-se ser importante citar, uma vez que descobriram-se alguns pontos a serem melhorados, uma teoria de solução com o objetivo de sanar estas situações e buscar consolidar esse tipo de aprendizagem das mais variadas maneiras, de maneira a privilegiar a imersão na cultura brasileira.

A primeira solução que se crê oportuna será uma capacitação aos docentes da PUC-RS, com o objetivo de os desenvolver em uma conscientização da necessidade de um atendimento e atitudes diferenciadas junto aos alunos estrangeiros que aqui se encontram. Por conseguinte, em salas com alunos de intercâmbio, os docentes devem utilizar uma metodologia diferente, apresentando outras maneiras de avaliar além das provas escritas.

O essencial nessa capacitação é instrumentalizar os docentes da PUC-RS para realizar um tratamento especializado aos nossos alunos estrangeiros, em que se faz necessário:

- foco nos detalhes;
- auxílio aos docentes com um acompanhamento mais próximo, com o objetivo de que eles desenvolvam uma escuta ativa (saber ouvir);
- uma comunicação eficaz (falando mais devagar nas aulas);
- atenção à comunicação não verbal (observar reações, gestos e atitudes dos alunos, mesmo quando não verbalizam sua dificuldade)
- empatia (buscar se colocar no lugar do outro).

Se for possível aplicar essa capacitação, acredita-se que os docentes dessa Instituição terão uma percepção maior de ‘como’ ajudar os alunos estrangeiros e isso pode vir a se tornar um grande diferencial na PUC-RS, que permitirá à instituição, com mais propriedade, se tornar um HUB (centralizador) das Instituições Educacionais no nosso país.

REFERÊNCIAS

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução, Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOLEMAN, D. **O Cérebro e a Inteligência Emocional**. São Paulo: Objetiva, 2012.

GUERRA, L. B. **Neurociência e Educação: Como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KNIGHT, J. **What is an international university**. In GLASS, A. (Ed.). The estate of higher education 2014. Paris, France: Organization for Economic Co-operation and Development. p. 139-143.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

MOROSINI, M. C. **Qualidade da Educação Superior e Contextos Emergentes**. Avaliação (UNICAMP), v. 19, p. 385- 405, 2014.

RIBEIRO, S. **Aprendizado: Arquitetura do Ser e do Saber**. Revista Educação Especial: Neuroeducação n. 2, p. 20-27, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

STOBÄUS, C. D., MOSQUERA, J.J.M. **O Professor, Personalidade Saudável e Relações Interpessoais**. In ENRICONE, D. (org.). Ser Professor. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008. p. 67-78 .

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TEIXEIRA, G. **Significado da competência**. Disponível no site: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=12&texto=728>. Acesso em: 29 ago. 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WIT, Hans de. **Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe: a historical, comparative and conceptual analysis**. USA: Massachusetts/Boston College, 2002.